

6

COMPAIXÃO: Descer a Montanha de Deus (TtW 148): Abertura ao Mundo A Dimensão Ativa da Vida Humana

A mística ou contemplação é o núcleo central dos escritos mertonianos. A partir dela Merton compreende a antropologia, a cristologia e a cosmologia. Merton usa indistintamente as palavras mística e contemplação. Mística é *um subir para Deus* pela oração, meditação e contemplação. Mas Deus não está no alto da montanha: ele reenvia à planície humana. A mística supõe compaixão⁴²⁴, sem a qual é inautêntica. Em *Disputed Questions* Merton identifica mística com compaixão quando afirma ser “a consciência da compaixão divina transformando e elevando nosso próprio vazio e enchendo-o com a presença do amor e da plenitude perfeita”.⁴²⁵

A compaixão constitui a dimensão ativa e horizontal da mística mertoniana, o movimento descendente às realidades terrestres, depois de ter subido para Deus. Mística é a experiência do mistério. Mas a compaixão está para além do mistério. É o próprio ser divino, que na montanha se revelou a Moisés, movido por compaixão pelo sofrimento do povo (Ex 3) e em Jesus, a compaixão de Deus, se fez filantropia e solidariedade. A compaixão é um dos pilares da mensagem evangélica e aponta para uma dupla direção: de Deus aos humanos e entre eles⁴²⁶.

A Compaixão na Bíblia Hebraica é expressa, entre outros termos, pela palavra “*hesed*”. É o amor de Deus para com os seres humanos e as demais criaturas, provendo às suas necessidades, libertando dos inimigos e das aflições (Salmos 21,8; 31.17. 22; 32,10; 33, 22; 36, 8.11; 42,9; 143,8.12etc). “*Hesed*” enche a terra inteira, dura mil gerações, e é tão grande quanto os céus. Por isso

⁴²⁴ *MnI* 97, 213, 221, 390, 400.

⁴²⁵ *DQ* 192.

⁴²⁶ *DWL* 155-156, 177.

deve ser preferida a tudo o mais. Nela o ser humano deve crer e confiar (Salmos 103,11; 33,5; 36,6; 138,8; 108,5)⁴²⁷.

“*Hesed*” exclui todo o mérito e distinção entre justos e culpados, porque Deus, em sua compaixão, “faz chover sobre justos e injustos” (Mt 5, 45). *Hesed* não é só o amor de Deus para os humanos, mas o amor do ser humano para com Deus (o amor sponsal em Jr 2,2), que se manifesta na compaixão que mostramos aos outros, não levando em conta méritos, dignidade ou ofensa. Não é um amor vago e genérico, mas orientado para as pessoas concretas que encontramos. Se não somos capazes de amá-las, não somos capazes de amar ninguém⁴²⁸.

Merton cita Juliana de Norwich, que entendeu muito bem a compaixão divina, quando disse: “Deus é paciente, perdoa com facilidade, compreende *compassivamente*.”⁴²⁹ Quando nos percebemos carentes da compaixão divina, deixamos de ser implacáveis e cruéis com os outros, pois percebemos que são tão frágeis e vulneráveis como nós. Merton personifica a compaixão e mantém com ela uma relação de amor sponsal: “Compaixão, eu a tomo por minha senhora. Como Francisco desposou a Pobreza, eu te desposo, *Rainha dos eremitas* e mãe dos pobres”.⁴³⁰

Já nos últimos meses antes de morrer, em preparação à viagem à Ásia, Merton resume o que entende por compaixão, ao exortar dizendo: “Considera como teus os sofrimentos alheios... Faz com que tua própria individualidade perca seus prazeres e suporte o sofrimento de teus companheiros”.⁴³¹ Unicamente quem se esvaziou de si mesmo é capaz de ter compaixão e abertura aos outros, pois se esvaziou das camadas de falsidade inerentes à condição humana, bem como das máscaras, ilusões e fugas.

Mencionamos anteriormente a experiência de conversão à compaixão que teve Merton em um centro comercial de Louisville em 1958. Daí em diante, como ele mesmo escreveu ao papa João XXIII, quer ardentemente, em sua condição de contemplativo, dar sua contribuição para resolver os grandes problemas do mundo de hoje. Daí sua abertura ao mundo, da Rússia e da América Latina. Como gesto

⁴²⁷ *Biblia Hexaglot: Textus Originalis*. v. I a VI. LEVANTE. RICHES, Edward *et alii* (Orgs.). Nova Iorque: Funk and Wagnalls Company, 1901.

⁴²⁸ MERTON, T. CD *Our Father: Perfect Prayer*. AA 2070.

⁴²⁹ MERTON, T. *Love and Living*, p. 205.

⁴³⁰ *EtS* 464, 484.

⁴³¹ *MnI* p. 383.

concreto dessa abertura, estava aprendendo as línguas russa, espanhola e portuguesa.⁴³²

A resposta e abertura aos grandes problemas do mundo são decorrências da mística. Fazendo a experiência de nossa unidade com o mistério de Deus, também fazemos experiência de nossa unidade com todas as demais criaturas, humanas ou não, bem como com o Planeta Terra, nossa morada comum. Daí que a conversão ao mundo representa uma evolução natural e necessária na vida de Merton. Ele desce, simbolicamente, a montanha de Deus, pela via da compaixão, rumo a um mundo ferido de morte pela violência e injustiça generalizadas.

Diante da canonização e banalização da violência, Merton propõe a construção da paz. À medida em que vai amadurecendo e aprofundando a sua vida na mística do seguimento de Jesus, sente cada vez mais compaixão pela humanidade e por todas as criaturas, ameaçadas pela violência, pela injustiça sócio-econômica, de gênero e ecológica. Era então o auge da Guerra Fria. Ainda estávamos longe de ouvir a mensagem da hierarquia católica norte-americana condenando com clareza a guerra e as armas atômicas.⁴³³

Merton propõe a estratégia evangélica de unir a simplicidade da pomba com a sabedoria da serpente (Mt 5-7). Ele vê a solução do problema da violência não na política da dissuasão (“*deterrence*”, que é o equilíbrio do terror), mas no desarmamento total. Daí que considera hipócrita a atitude do General Mc Arthur (e depois dele exacerbada até os dias de hoje), que busca desarmar outros países, enquanto os EUA se dão o direito de se armar cada vez mais, com base no axioma: “Não há substituto para a vitória”.⁴³⁴

Merton é implacável diante dessa atitude arrogante e imperialista e aconselha: “Ao invés de pregarmos a cruz de Cristo *para os outros* e aconselhá-los a sofrer pacientemente a violência que nós docemente lhes impomos, com a ajuda de exércitos e policiais, devemos reconhecer o direito dos desfavorecidos de usar a força para se defender. Nós mesmos devemos estudar mais seriamente a prática da não violência e os métodos humanitários, pois possuímos o mais

⁴³² HGL 481-482. Carta ao papa João XXIII de 10/nov/1958.

⁴³³ National Conference of Catholic Bishops. *The Challenge of Peace: God's Promise and Our Response*. 1983. BRIEN, O, David e SHANNON, Thomas (Orgs.) *Catholic Social Thought: The Documentary Heritage*. Nova Iorque: Orbis Books, 1992. #68.

⁴³⁴ FV 9.

estupendo arsenal de poder que o mundo jamais conheceu”.⁴³⁵ Merton sentiu-se profundamente desapontado pelo fato de que os defensores da guerra eram cristãos fundamentalistas e católicos, em flagrante contradição com a mensagem evangélica das bem aventuranças.⁴³⁶

Compaixão é a “liturgia depois da liturgia”, usando a bela expressão de São João Crisóstomo, Padre da Igreja. Ele afirma que a nossa vida fora do templo, no cotidiano, manifestada na compaixão pelos pobres, é uma forma de culto a Deus, cujos sacerdotes são todos os fiéis cristãos. Também esse conceito tem uma dimensão ecumênica, pois é propriedade comum do Conselho Mundial de Igrejas.⁴³⁷

Resumindo, podemos dizer que compaixão é o fruto mais maduro da mística, o teste da autenticidade do seguimento de Jesus. A espiritualidade mertoniana faz a síntese entre contemplação e ação. Sua compaixão tem uma dimensão macroecumênica. Compaixão não é um conceito psicológico, mas ontológico. Conota a interdependência de tudo com tudo. Pode ser aproximada da palavra solidariedade, tão em voga nos dias atuais. Merton desenvolve o conceito em grande medida no encontro com os místicos orientais e com as Mães e Pais do deserto. Todo o empenho em promover a paz, a justiça e o macroecumenismo ganham seu fio condutor através do conceito de compaixão.

6.1. Promover a paz

O empenho de Merton em promover a paz se concretizou mediante seus escritos, conferências e ensinamentos, na qualidade de formador de opinião. Ele também projeta a estratégia para abolir a guerra: a não-violência como um estilo de vida, ampliando seu alcance para abranger também outras instâncias da vida, como o problema da injustiça sócio-econômica, de gênero e ecológica. Ele aprende tal estratégia com Gandhi, que por sua vez se inspirou no discurso de Jesus no Sermão da montanha.⁴³⁸

⁴³⁵ FV 10.

⁴³⁶ CT 161.

⁴³⁷ BRIAN, Ion. Liturgia depois da Liturgia. *Dicionário do Movimento Ecumênico*. 2ª ed. Genebra, 2003. Petrópolis: Vozes (no prelo).

⁴³⁸ MERTON, T. *Gandhi on Non-Violence*. Nova Iorque: New Directions, 1965.

Ao longo de seus escritos, Merton cita também reiteradas vezes a Encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII⁴³⁹, no sentido de buscar eliminar o medo (que está na raiz da guerra) e substituir os conflitos internacionais pela negociação e colaboração. Ele se pergunta: como seguidores de Jesus, o Príncipe da paz, o que nos incumbe fazer diante da crise atual? Tendo como base a doutrina da Encarnação, devemos substituir a reação de Caim e Judas pelo cuidado responsável pelos irmãos, nos quais devemos ver outros Cristos. Aqui está incluída a família humana inteira⁴⁴⁰.

Merton lembra que a Encíclica, lançada na Quinta Feira Santa de 1963, não se concentra tanto na violência da guerra, quanto nos princípios universais que devem nortear a convivência humana: o respeito pela dignidade da pessoa e de toda a família humana. O resultado deste pronunciamento papal foi o relaxamento das tensões entre os EUA e a URSS. De fato, a Encíclica busca animar a esperança em soluções pacíficas e condenar a violência destrutiva alimentada por suspeitas, desconfiança, satanização do inimigo, muitas vezes insuflada pela mídia. Daí a necessidade de resistir ao conformismo e à resignação fatalista que consideram a violência inevitável.⁴⁴¹

Fazendo uma releitura da história da Igreja, Merton encontra ensinamentos sobre a promoção da paz em Orígenes e Agostinho. Orígenes tem uma atitude mais pacifista. Para ele os cristãos são promotores da paz. Em sua refutação a Celso (que acusa os cristãos de estarem destruindo o império romano), ele afirma que os cristãos fazem muito mais bem ao império com suas orações do que com as armas. Para ele as orações também são armas, mas não dirigidas contra outros seres humanos, e sim contra os poderes demoníacos que dividem a humanidade e incitam à violência⁴⁴².

Agostinho, que viveu dois séculos mais tarde, em sua obra *A Cidade de Deus*, considera o cristão como um soldado que deve defender sua pátria da invasão estrangeira. Ele estava vivendo na época da invasão de Roma, pelos godos, (liderados por Alarico), e do Norte da África pelos bárbaros. Por isso ele desencoraja o soldado Bonifácio a entrar no mosteiro, mas aconselha a

⁴³⁹ *TrW* 315, 327.

⁴⁴⁰ MERTON, T. *The Christian in World Crisis: Reflections on the Moral Climate of the 1960's. Redeeming the Time*. Londres: Burns and Oats, 1966, p. 120s.

⁴⁴¹ *Redeeming the Time*, p. 126s.

⁴⁴² *Redeeming the Time*, p. 155.

permanecer no exército para defender a pátria atacada.⁴⁴³ Agostinho entende que a ordem, montada no poder e no lucro, só o é em aparência, pois na verdade, faltando a justiça, seus governantes são um bando de ladrões e salteadores⁴⁴⁴.

Merton escreve que a paz é dom e tarefa deixados por Jesus aos seus seguidores. “Cristo, nosso Senhor, não veio para trazer a paz como uma espécie de tranqüilizante espiritual. Ele trouxe aos seus discípulos uma vocação e uma tarefa: lutar no mundo de violência para estabelecer Sua paz não só no próprio coração, mas também na sociedade”.⁴⁴⁵ O seguimento de Jesus hoje vai consistir, então, em promover a paz num mundo armado até os dentes. Transformar espadas em arados, num mundo de violência imperial, exige uma fé profunda e a corajosa capacidade de auto-entrega martirial em favor dos outros.

Merton sabe que tentar implantar a paz com base na violência é auto-contraditório e expressão de *hybris*. A paz não se consegue pela vitória, mas pela reconciliação. O Sermão da Montanha fornece a base teológica do agir cristão não violento. A compaixão divina é a inspiração maior. Um Deus desarmado e não violento convida os oprimidos a uma corajosa resistência ao mal, contando com a força de Jesus.

Em outubro de 1961 Merton escreve um artigo altamente incendiário para o jornal *The Catholic Worker*, convocando os católicos à tarefa de abolir a guerra e buscar resolver os conflitos internacionais com a estratégia da não-violência (“*satyagraha*”). Aconselha a usar as armas espirituais da oração, vigília e jejum. Considera a guerra uma loucura, em cuja raiz está o medo. Ele não poupa acusações contra uma tal loucura generalizada, a pretexto de preservar a liberdade e os valores ocidentais. Considera a América do Norte a nação mais afetada por essa loucura, incluindo dentro dela os cristãos ricos e satisfeitos com suas posses e privilégios.

O que fazer? Merton aponta a resposta: “Lutar com fé em Cristo, amor por Deus e pela humanidade para cumprir a única tarefa que Deus nos impõe no mundo de hoje: abolir totalmente a guerra... A Igreja deve conduzir o processo rumo à solução não violenta dos problemas e rumo à abolição gradual da guerra

⁴⁴³ *Redeeming the Time*, p. 156.

⁴⁴⁴ *FV IX-X*, 4

⁴⁴⁵ *PfP* 4.

como forma de resolver disputas internacionais ou civis”.⁴⁴⁶ Num tempo assim os cristãos não devem se resignar, em passividade e fatalismo, muito menos juntar-se aos que defendem um primeiro ataque preventivo (“*first strike*”) para eliminar o inimigo antes que ele nos ataque, nem sair pelas ruas com o Livro do Apocalipse nas mãos explicando que tais acontecimentos já estavam escritos e são inevitáveis. Mas os cristãos devem fazer tudo para abolir a guerra, empregando meios não violentos, oração e sacrifício, e a ascese de buscar diariamente desarmar o próprio coração, não deixando a raiva transformar-se em violência.

Merton via com pesar que, diante da extrema gravidade da hora presente, os monges eram incapazes de extrair da contemplação conseqüências práticas para a ação, mas estavam envolvidos com questões sobre textos medievais, enquanto a humanidade como um todo se debatia numa luta de vida e morte para todo o planeta. Ele não conseguia compreender. Mas apesar da resistência oficial, inclusive do abade geral Dom Gabriel Sortais (não por acaso ex-capelão militar na Primeira Guerra Mundial), Merton sente que sua atitude exprime a verdadeira posição cristã e católica.

Muito do que Merton escreveu sobre a paz foi retomado pelo papa João XXIII em sua encíclica *Pacem in Terris*. Com muita alegria por sentir que estava no rumo certo, mas não sem uma pitada de humor, (signo do verdadeiro contemplativo), ele escreve ao abade geral trapista dom Gabriel Sortais, o mesmo que o havia impedido de escrever sobre a guerra nuclear em 1962: “Sorte que o Papa João não é um cisterciense norte-americano. Do contrário os censores da nossa Ordem nunca teriam aprovado a Encíclica do Papa sobre a Paz”.⁴⁴⁷ No dia 7 de setembro de 1963, Merton recebeu a visita do teólogo Bernard Häring. Veio para animá-lo a escrever sobre a paz, em reparação pelo fato de São Bernardo ter pregado as Cruzadas. “Se um monge (no passado) foi capaz de pregar uma Cruzada, então um monge também (hoje) pode certamente escrever sobre a paz”.⁴⁴⁸

Felizmente a posição do cardeal de Nova Iorque, Francis Spellman sobre a legitimidade da guerra nuclear foi rejeitada na elaboração do esquema XIII do

⁴⁴⁶ *PfP* 12.

⁴⁴⁷ Cf., CUNNINGHAM, L. *Silent Lamp: The Thomas Merton Story*. Nova Iorque; Crossroad, 1996, p. 223 (abreviado *SL*).

⁴⁴⁸ *DWL* 15-16.

Concílio, como propunha Merton.⁴⁴⁹ A *Gaudium et Spes*, nos parágrafos sobre a eliminação da guerra (art. 77-82 p. 239-245) afirma: “Os homens de nosso tempo devem saber que prestarão contas de suas operações bélicas” (GS 241), ecoando assim palavras que quase quarenta anos mais tarde, João Paulo II dirige a Bush, com o dedo em riste, a propósito da segunda guerra do Golfo. E mostrando onde se situa a paz, GS afirma: “A paz deve brotar antes da confiança mútua entre os povos, do que ser imposta às nações pelo temor das armas”(p. 243). Assim, a lei da selva deve ser confrontada com as Bem-aventuranças no Sermão da Montanha.

Resumindo, dissemos anteriormente que Merton foi proibido de escrever contra a guerra atômica. Que a posição do Abade Geral, compartilhada pela vasta maioria da hierarquia católica de então, era a favor da guerra atômica contra os comunistas. Merton, ao contrário, herdou já da mãe quáquer o amor pela paz, e se inspirava em Gandhi. Por sua vez, ele inspirou outros ativistas, como Daniel Berrigan, no empenho pela paz a nível mundial e nacional (Cap. 7). A nível pessoal, ele prega o desarmamento dos espíritos, abolindo as secretas agressões dirigidas contra as pessoas com as quais convivemos⁴⁵⁰.

Dissemos anteriormente também, que em outubro de 1961 Merton escreveu a primeira carta, endereçada a Etta Gullick, onde menciona a crise internacional que o preocupa e interpela o seu ser monge. Então ele afirma que doravante sua tarefa prioritária será fazer tudo o que está ao seu alcance para abolir a guerra.⁴⁵¹ Sua indignação se dirige contra as superpotências em conflito, compartilhando ambas da mesma loucura, estupidez e falta de compaixão, como que movidas por diabólicas forças sobre-humanas. Vê como demência o afã de preservar a paz construindo armas nucleares e abrigos subterrâneos para se proteger. E a resposta que dá é que a Igreja deve seguir a estratégia da não-violência para abolir a guerra, bem como incentivar a resolução dos conflitos internacionais mediante o diálogo nos foros internacionais. Mas também orar, pois a paz é um dom que vem do alto e precisa ser suplicada. Orar e resistir!

Vamos ver a seguir a estratégia que Merton propõe para fazer frente à canonização da violência.

⁴⁴⁹ *DWL* 317, 323.

⁴⁵⁰ *TtW* 239.

⁴⁵¹ *SL* 215.

6.1.1. Através da resistência não violenta

Frente à canonização da violência no mundo contemporâneo, Merton propõe a prática da resistência não violenta. Ela é também a tática proposta para resolver os demais problemas sociais, como as várias formas de injustiça. Não é passividade, convivência, negação do mal ou covardia, mas uma atitude positiva e ativa. Ele começa reconhecendo que, em sua vida pessoal, nem sempre pratica a não violência. Pelo contrário, quando contrariado, faz retaliação em pensamentos e palavras contra os adversários que o tratam injustamente, e responde com um desprezo aberto e polido. Ele admite que perdeu muito tempo com desprezo, crítica e ressentimento inúteis. Destarte, ele se propõe ser modelo de não violência em palavra, ação e escritos. Às vezes a não violência supõe desobediência civil (e religiosa). Mas sempre supõe não cooperar com o mal.⁴⁵²

Merton sente-se só nessa tarefa. Ele é um precursor, e o faz à luz de sua fé e convicções mais profundas. Não foi nos manuais de teologia onde estudou que ele aprendeu a atitude de não-violência. Na época (década de 60) predominava, ao invés, a doutrina da guerra justa. Os católicos norte-americanos eram bem patriotas, considerando que, se os EUA entravam em guerra, era porque se tratava de uma “guerra justa”. Foi com Gandhi que Merton aprendeu a metafísica da não-violência⁴⁵³. Ele o conhecia já desde os tempos de estudante secundarista em Oakham, na Inglaterra, em meados da década de 30. Ele concorda com Einstein, que considera Gandhi como “o pensador político mais eficiente e confiável de nosso tempo”.⁴⁵⁴

Merton admirava em Gandhi a síntese entre uma vida de profunda oração, contemplação e ascese por um lado; e, por outro lado, o engajamento ativo na libertação do seu povo, mesmo às custas do martírio. “Ninguém consegue praticar a não violência de Gandhi, sem fincar fundas raízes espirituais na oração e na entrega a Deus”.⁴⁵⁵ Admirava ainda a abertura de Gandhi às fontes cristãs, ao mesmo tempo em que permanecia firmemente arraigado em sua própria tradição hindu. E cita Gandhi quando diz: “Se trabalharmos com desapego e sem pressa,

⁴⁵² *TrW* 238-239.

⁴⁵³ *MnI* 185, 395.

⁴⁵⁴ *SfS* 149.Cf., também MERTON, T. *Gandhi on Non-Violence*. Nova Iorque: New Directions, 1965.

impedimos que algo nos ataque os nervos. Colocando o nosso coração inteiro naquilo que nos foi confiado ou empreendido, podemos deixar o resto para Deus. Então não pode haver ‘*rush*’, nem pressa”.⁴⁵⁶

Gandhi usa o método da não violência para combater as injustiças políticas, sociais e econômicas de seu país. Ele cunhou a expressão “*satyagraha*” para conotar o empenho pela paz e justiça sem o uso da violência, e o correlato termo sânscrito “*ahimsa*” (não ofender ninguém). Não é passividade, mas firmeza permanente no empenho por abolir a guerra com amor incondicional pelo inimigo.⁴⁵⁷

Merton coloca algumas condições básicas para a prática da não violência. Em primeiro lugar, não ser conivente com a injustiça e a violência praticadas por um poder arbitrário e opressor. Em geral os defensores da causa não violenta estão nos países do Primeiro Mundo, e inconscientemente podem ser coniventes com o status quo, que também os beneficia. Lutando na arena política, ele vê o risco de optar por um dos lados, e assim nem sempre ser capaz de ver a verdade também presente no adversário, e só endurecê-lo ainda mais em sua obstinação. Por outro lado, sendo apolítico, corre o perigo de ser ineficaz. É preciso também a paciência que vence o imediatismo de querer ver resultados visíveis. É preciso muita humildade para reconhecer que não somos infalíveis, e a capacidade de ceder em nossa posição inflexível, reconhecendo a verdade também presente no adversário, respeitando sua humanidade e visando o bem comum.⁴⁵⁸

Além de Gandhi, Merton admirava também outros apóstolos da não-violência, como Martin Luther King⁴⁵⁹, como dissemos anteriormente. Pretendia até convidá-lo para fazer um retiro no mosteiro em 1968, mas foi assassinado. O mosteiro é o lugar ideal para reunir pequenos grupos de retirantes com objetivos afins, aprofundando a vida de fé e o compromisso libertador. Um ativista atual da não violência, que fez um retiro dirigido por Merton sobre resistência não violenta, é o jesuíta Daniel Berrigan, já mencionado supra, e sobre quem falaremos mais longamente na PARTE III). Merton é adepto da estratégia da não-

⁴⁵⁵ *TrW* 111.

⁴⁵⁶ *SfS* 156.

⁴⁵⁷ *SoR* 110.

⁴⁵⁸ *FV* 3-13.

⁴⁵⁹ *MnI* 198, 369.

violência para deter a escalada de violência no mundo. Ele cita explicitamente como estratégias: desobediência civil, bem como oração, jejum, e vigílias.⁴⁶⁰

A não violência visa libertar não só o oprimido, mas sobretudo o opressor, vítima da violência. Para ele os negros devem libertar os brancos⁴⁶¹. Não satanizar nem despersonalizar o adversário, mas com o olhar contemplativo cheio de compaixão, considerá-lo em sua dignidade. Ser não-violento, para Merton, significa ter a capacidade de sentir compaixão. Ela é o contraponto à tendência presente na política norte-americana atual de agressão internacional. Pois, como afirma o Eremita de Gethsemani: “A força genuína surge unicamente numa condição de vulnerabilidade. A manifestação ostensiva e o recurso à força são uma prova de profunda incapacidade”.⁴⁶²

Podemos dizer que foi somente em 1965, com a publicação da encíclica *Gaudium et Spes*, que cristãos mais ousados como Merton encontraram respaldo para sua atitude e prática de não-violência, mencionada naquele documento conciliar. Antes, porém, Merton se inspira no ensino de Jesus no Sermão da Montanha e na atitude de Gandhi, o qual, por sua vez, paradoxalmente, também se inspira em Jesus. É parte da pedagogia e economia divinas que Deus revele Sua vontade através de não cristãos, num ensino assim tão fundamental para a convivência humana e para a sobrevivência do planeta. Um tal ensino sempre esteve presente nos Evangelhos, mas não tinha sido totalmente desvelado. É o que afirmou Gandhi quando disse: “Unicamente os cristãos desconhecem que Jesus ensinou a não violência”.⁴⁶³

Resumindo, a não violência é a atitude mais eficaz para resistir ao mal e minimizar a violência generalizada na sociedade, no mundo e dentro de nós mesmos. Ela supõe ascese, descrita pelas Mães e Pais do Deserto, que consideram a não violência como pureza de coração, meta da espiritualidade.⁴⁶⁴ Gandhi, King, Nowen, Berrigan, John Dear e Merton, entre outros, a encarnaram radicalmente. Ela supõe também a abertura que nos capacita a aprender do adversário, a vê-lo na base de uma comum humanidade conosco. A arrogância de pretender ter sempre razão nos torna inflexíveis e nos faz perder a capacidade de ver a verdade. A via

⁴⁶⁰ *TrW* 201.

⁴⁶¹ *PfP* 198.

⁴⁶² *CGB* VI-VII.

⁴⁶³ *SoR* 112.

⁴⁶⁴ *SoR* 113.

da não violência supõe compaixão que nos torna flexíveis ao outro, recusando brigar por palavras, numa atitude arrogante de auto-justificação. Ser não-violento é deixar-se iluminar pela verdade do outro, ainda que ele seja adversário.

6.1.2. Modelos de resistência não violenta

Merton apresenta Jesus como o primeiro modelo de resistência não violenta, ao entregar sua vida livremente à morte, não fugindo por medo ou covardia⁴⁶⁵. Assumiu o sofrimento por acreditar que o mundo poderia ser diferente e melhor. Sofrimento, provação e martírio são inevitáveis para quem ousa nadar contra a corrente.

Merton chama de Babilônia ao império montado sobre a violência dos poderes imperiais⁴⁶⁶. Os cristãos devem resistir a ela de forma não violenta, rompendo os laços. Mas eles não têm como fugir, senão pelo martírio como forma de protesto contra a idolatria da violência. A fumaça da ruína de Babel vai subir aos céus. Merton resgata assim a atitude dos primeiros cristãos diante do império romano. Não há indicativo de que eles lutassem para preservar o poder da besta, isto é, a favor do imperador⁴⁶⁷.

Merton aduz exemplo dos primeiros cristãos que praticaram objeção de consciência, resistindo ao serviço militar ou, quando nele, recusando a matar (São Maximiliano, São Martinho de Tours). O serviço militar foi rejeitado por Clemente de Alexandria. Cipriano nota que quando um indivíduo mata alguém é crime, mas quando um governante assassina milhares de pessoas, é considerado virtude. Tertuliano conclui que, pelo fato de Jesus pedir a Pedro que não use a espada, estaria assim “desarmando todos os soldados”.⁴⁶⁸

A nível nacional e racial Martin Luther King é o modelo de resistência. A nível internacional Gandhi⁴⁶⁹, que, com a sabedoria do Evangelho no Sermão da Montanha, buscou transformar os inimigos em amigos, sem humilhar, castigar ou derrotar. Foi capaz de ver a verdade inclusive no adversário, e por isso deixou de lado todo ódio, hostilidade, ressentimento e agressão, buscando libertar da

⁴⁶⁵ *PfP* 241ss.

⁴⁶⁶ *DWL* 225.

⁴⁶⁷ MERTON, T. *Redeeming the Time*. Op., Cit., p. 150ss.

⁴⁶⁸ MERTON, T. *Redeeming the Time*, Op., Cit., p. 150.

violência tanto o opressor quanto o oprimido. Ele resistiu de forma não violenta contra o imperialismo britânico. Gandhi é a epifania de Jesus no mundo oriental⁴⁷⁰.

Gandhi é o primeiro homem moderno, porque fez a síntese entre o mundo oriental e ocidental. Ele conseguiu isso porque primeiro integrou sua própria personalidade através da mística hindu. Ele próprio praticou a não violência em sua vida pessoal, libertando-se da violência interior e sendo plenamente autêntico, antes de elaborá-la em uma filosofia prática política. Mas tal prática política não impediu que sua nação, a Índia, se dividisse em dois países (Índia e Paquistão) em constante conflito e ameaçando a paz mundial.

Apesar disso, Gandhi não desespera, mas contempla a única alternativa que lhe resta: entregar a vida por seu povo. E foi martirizado por um concidadão que ele não conseguiu convencer.⁴⁷¹ Gandhi é também um paradigma da síntese entre espiritualidade e ação sócio-política. Ele não faz dicotomia entre ambas as atividades e assim evita o secularismo da cultura e o dogmatismo da religião (a ditadura do dogma). Fervor espiritual e solidariedade compassiva devem andar juntos.⁴⁷²

Alem de Jesus, King, Gandhi e Bonhoeffer⁴⁷³, três outros paradigmas de resistência não violenta são apresentados na obra *Faith and Violence*: Simone Weil, Alfred Delp e Franz Jägerstätter. Simone Weil juntou-se à resistência francesa contra os nazistas. Merton descobre uma estranha coincidência: Simone foi tratada num hospital da Inglaterra pelo médico Tom Bennet, seu padrinho e protetor quando jovem estudante em Cambridge⁴⁷⁴.

Merton considera autêntica a mística de Weil e sincera a atitude de não se filiar à Igreja (o que comporta um elemento profético). Ele admira seu não-conformismo como elemento essencial, bem como sua crítica profética à americanização da Europa depois da guerra, arrancando as raízes orientais européias. Ele transcreve um texto de Simone: “Felizes os que sofrem na carne os

⁴⁶⁹ DWL 96, 100, 102.

⁴⁷⁰ CGB 73.

⁴⁷¹ FV 40ss.

⁴⁷² SD 161.

⁴⁷³ DWL 86, 129, 134.

⁴⁷⁴ DWL 214.

sofrimentos do mundo em sua época... Somos matéria humana moldada pelo tempo sob o olhar de Deus”.⁴⁷⁵

Alfred Delp era padre jesuíta, que recusou apoio aos nazistas⁴⁷⁶. Foi condenado como traidor da pátria durante a guerra. Merton faz a introdução de sua obra, contrastando o caráter existencial desses escritos com um erudicionismo meramente acadêmico⁴⁷⁷. Delp entrou na resistência ao nazismo, participando do “Kreisan Circle”. Foi caluniado de conspirar contra Hitler. Seu crime maior, porém, como ele mesmo escreve, foi o fato de ser jesuíta⁴⁷⁸.

Delp, em sua prisão cheia de violência, encontra sentido unicamente na Oração do Pai-Nosso. “O motivo fundamental de nossa vida é a compaixão e a direção paterna. Deus é Pai, Fonte, guia e confortador... Quem tem fé percebe a solicitude, a compaixão e a profunda ajuda da Providência em inúmeras formas silenciosas, ainda quando é atacado de todos os lados e a situação parece desesperadora”.⁴⁷⁹

Franz Jägerstätter era pai de família na Áustria. Ele foi objetor de consciência. Recusou-se a entrar no exército de Hitler, mesmo instado por seu pároco e por seu bispo a uma atitude contrária à sua consciência⁴⁸⁰. Ele resistiu a alistar-se como combatente em favor das forças de ocupação nazista. Disse “não” ao poder injusto e opressor e praticou a não violência. Teve o mesmo destino do pe. Delpp: o martírio.⁴⁸¹

Merton entusiasmou-se com os comentários de Jägerstätter, tão lúcidos, a respeito do caráter irreconciliável entre a fé cristã e o nazismo. No entanto, as Igrejas católica e evangélica apoiaram Hitler quando no poder, e não apoiaram o comunismo. Merton se pergunta: Por quê? E ele mesmo responde: “Por causa da propriedade”.⁴⁸² Nos dias atuais, também as igrejas norte-americanas apoiaram a

⁴⁷⁵ DWL 213.

⁴⁷⁶ TtW 249, 251.

⁴⁷⁷ FV 47-68.

⁴⁷⁸ DELP, Alfred. *Prison Letters*. Introdução de Thomas Merton. Nova Iorque: Orbis Books, 2004.

⁴⁷⁹ DELP, Op., cit., p. 100-101.

⁴⁸⁰ TtW 213-214.

⁴⁸¹ Num retiro no mosteiro de Gethsemani pregado por Merton em 1965, o jesuíta padre Dan Berrigan ficou tão impressionado com o exemplo de Franz Jägerstätter, que se tornou até hoje um profeta em favor da paz e combatente da resistência cristã não violenta contra a interferência do governo norte americano em outros países, e em favor do desarmamento total, promovendo desobediência civil e protestos junto ao ministério da defesa em Washington, tendo sido preso inúmeras vezes. Cf., DEAR, John. *Apostle of Peace: Essays in Honor of Daniel Berrigan*. Nova Iorque: Orbis Books. 1996, p. 5.

⁴⁸² DWL 165.

política belicista e imperialista de Bush, porque ele lhes ofereceu muitos privilégios e regalias, em troca do silêncio conivente com a guerra. Os únicos grupos católicos a opor resistência, estão de um modo ou outro ligados ao nome e ao exemplo de Merton, como veremos mais adiante.

6.2.

Promover a justiça sócio-econômica, de gênero e ecológica

Além do esforço de unir o Oriente e o Ocidente na promoção da paz, Merton buscou promover a justiça, superando a desigualdade entre o Norte e o Sul. Buscou gestos simbólicos de comunhão com poetas, artistas e pensadores da América Central e do Sul. Mantinha contatos duradouros com escritores latino-americanos, dentre os quais merece destaque Ernesto Cardenal. Foi esse que o introduziu na trágica realidade das ditaduras latinoamericanas, particularmente a de Somoza na Nicarágua.⁴⁸³

6.2.1.

A justiça sócio-econômica

Como resposta à injustiça sócio-econômica, Merton propõe a prática da não violência unida à espiritualidade e solidariedade. A resistência não violenta leva ao envolvimento nas questões sociais e não à evasiva “*fuga mundi*”. Primeira condição é buscar a integração pessoal e então promover a inclusão social. Não buscar a própria segurança pessoal, nem se ater aos resultados dos alvos auto-projetados, mas colocar nas mãos de Deus. Promover a justiça significa maximizar as oportunidades de participação da pessoa na comunidade humana e cósmica. Significa negativamente não passar fome, desemprego e provação.⁴⁸⁴

Na promoção da justiça, Merton se inspira em grande medida na Encíclica *Pacem in Terris*. “A *Pacem in Terris*... abre o caminho para uma maior cooperação com os comunistas na tentativa de preservar a paz. Isto é da maior importância, pois tornou-se quase um dogma de fé no catolicismo dos EUA, pensar que os comunistas sejam demônios encarnados”.⁴⁸⁵ A justiça, junto com a verdade, o amor e a liberdade, formam os pilares para a construção de uma

⁴⁸³ *TrW* 10, 168-169.

⁴⁸⁴ BAKER, Thomas. *Thomas Merton Social Critic*, p. 119.

sociedade solidária. As empresas privadas e as nações não podem sobrepor seus interesses aos do bem comum, nem oprimir os povos. Merton cita a famosa pergunta de Agostinho, retomada por João XXIII: “Que são os reinos sem justiça senão um grande bando de ladrões”?⁴⁸⁶

É sempre atual a advertência do Papa de que nenhuma nação pode se isolar das outras, em pretensa superioridade, nem oprimir ou interferir injustamente em seus destinos. Se uma nação for oprimida, tem o direito de resistir e se defender (*Pacem in Terris*, p. 51). Merton elogia a visita do papa Paulo VI à sede das Nações Unidas em outubro de 1965, respaldando essa instituição, que fora ridicularizada pelos EUA algum tempo antes⁴⁸⁷.

Promover a justiça é um processo que começa dentro de nós mesmos. Primeiro reconhecendo o demônio da combatividade, que é a tendência de se auto-justificar, acusando e demonizando os outros. É o falso eu em nós, incapaz de admitir suas próprias falhas e colocando-nos sempre do lado do bem. Merton lutou contra essa tendência em si mesmo, e acabou reconhecendo: “Por acaso eu também não sou irracional, injusto, exigente, desconfiado e com frequência totalmente arbitrário em meu trato com os outros? A questão não é saber quem está certo, mas não julgar, perdoar e carregar os fardos uns dos outros... Estar disposto a ouvir, ser paciente e continuar trabalhando para ajudar a Igreja a mudar e se renovar a partir de dentro. Eis aí a nossa tarefa... Espero acabar com controvérsias... Percebo a inutilidade de uma vida desperdiçada em controvérsias, quando deveria ser inteiramente entregue ao amor”.⁴⁸⁸

6.2.2. A justiça de gênero

A resposta que Merton deu à injustiça de gênero está contida sobretudo na correspondência epistolar com Rosemary Radford Ruether entre 1967-1968, quando esta estava começando sua carreira acadêmica e ele já estava quase no fim de sua peregrinação terrestre, vivendo como eremita em tempo integral. Merton

⁴⁸⁵ *TtW* 315, 327.

⁴⁸⁶ JOÃO XXIII. *Pacem in Terris*, p. 92. Apud MERTON, T. *Redeeming the Time*. Op., cit. p. 173.

⁴⁸⁷ *DWL* 298.

⁴⁸⁸ TARDIFF, Mary (Org). *At Home in the World: The Letters of Thomas Merton and Rosemary Radford Ruether*. Nova Iorque: Orbis Books, 1995, p. 14-15. (abreviado *aHW*).

nunca a tratou de forma paternalista, apesar da diferença de idade entre ambos, e da sua condição feminina.

A correspondência entre Merton e Rosemary foi desafiadora para ambos⁴⁸⁹. Ela, com sua postura às vezes bem radical, interpelou Merton dizendo que o monge não pode buscar a salvação fora do mundo, mas a salvação do mundo. E recorda o que Merton mais aprecia: que “a criação é muito boa e Deus intencionou que ela fosse a nossa morada, a nossa *única* morada”.⁴⁹⁰ Ela não nega a necessidade da contemplação, justamente para preservar a bondade da criação ameaçada. Mas não a vê como um fim em si mesmo, e sim como um afastamento temporário para aprofundar o compromisso, visando a ação. Só pode ter sentido na medida em que ajudar a Igreja e os cristãos a desempenhar melhor o seu serviço apostólico e solidário no mundo.

Daí um conflito entre carisma e instituição, entre mística e profecia. Ela espera que a comunidade monástica seja uma comunidade escatológica (o que é a própria essência da Igreja), com vistas à renovação do mundo. “Dentro deste contexto da comunidade profética a comunidade monástica poderá desempenhar uma função vital como sendo o lugar de reflexão para toda a Igreja, que então nos reenvia de volta ao trabalho de renovar o mundo”.⁴⁹¹ Interpelado, Merton recorda a dimensão existencial de sua vida monástica. Para ele o mosteiro é uma escola de caridade, um espaço de liberdade, a recuperação do paraíso primordial.

Frente às dificuldades que o próprio Merton sentia com a hierarquia e o formalismo monásticos, a resposta que ela dá é muito prática: Não adianta bater de frente com a instituição. É o conselho que Rosemary dá, citando como exemplo o caso de um padre da Califórnia que pediu ao Papa que afastasse seu superior hierárquico, o Cardeal McIntire, por impedir que seus sacerdotes participassem no movimento em favor dos direitos civis. Ela explica o porquê: “Eu não vejo nele (no padre citado), nenhum calmo centro de espiritualidade que possa estar acima da tempestade. Seu ser inteiro está totalmente imanente na luta”.⁴⁹² O mais grave é que, no ardor da ira, o padre queria levar seu superior hierárquico aos tribunais civis. Isso só redundaria em mal ao próprio padre, e Rosemary pede a Merton que

⁴⁸⁹ *aHM* XVI.

⁴⁹⁰ *aHM* 29.

⁴⁹¹ *aHW* 32-33.

⁴⁹² *aHW* 7.

escreva, convencendo-o a desistir de seu intento. Pois de nada adianta se fazer de vítima⁴⁹³.

Merton, por seu lado, envia a Rosemary uma circular comentando o caso de outro sacerdote, o padre Charles Davis, que abandonou a Igreja criticando o excesso de autoritarismo. Apesar de reconhecer que a estrutura institucional eclesiástica às vezes possa ser injusta e desumana (também com as mulheres), impondo fardos intoleráveis, Merton não concorda com a atitude dele. Respeita, porém, a decisão dele, considera-o como um irmão que merece compaixão e não ser fustigado como herege.⁴⁹⁴

6.2.3. A justiça ecológica

São Bernardo foi um dos que mais inspirou Merton na busca da justiça ecológica. Os mosteiros que aquele Pai de Cister fundou trazem no nome o amor à ecologia, quase sempre conotando vales e *águas* (tão preciosas e ameaçadas!). Assim: Claraval (vale claro), Aiguebelle (água bela), Tre Fontane (três fontes), etc.

Justiça ecológica significa sustentabilidade para o planeta (reciclagem de materiais, ajustar os padrões econômicos, sociais e culturais aos recursos renováveis e não renováveis, sem esgotar e depredar). Antecipando-se ao cuidado atual pela preservação da natureza, Merton escreve o seguinte a respeito da justiça ecológica: “A luta por proteger a beleza e os recursos naturais... não pode ser considerada como excentricidade ou sentimentalismo de pessoas que gostam de observar pássaros e cultivar flores. As tempestades desastrosas da década de 30... mostraram que a conservação do solo e dos recursos naturais é uma necessidade absoluta”.⁴⁹⁵

Em Carta a Rachel Carson, Merton propõe uma ética ecológica feita de restrição e também de sabedoria no trato com o planeta terra e com a comunidade ecológica com a qual vivemos. Ele lhe escreveu: “Aos pensadores religiosos, o mundo inteiro sempre pareceu como uma manifestação transparente do amor de Deus, como um ‘paraíso’ de Sua Sabedoria, manifestada em todas as Suas

⁴⁹³ aHW 20ss.

⁴⁹⁴ aHW 13.

criaturas, até a mais ínfima delas e na mais maravilhosa interrelação entre elas”.⁴⁹⁶ Ele propõe, sob uma perspectiva religiosa, a referência do ser humano e da criação ao Criador invisível, fonte e exemplar de todo ser e de toda vida. Pois o ser humano não só é parte da natureza, mas também a transcende.

Contudo, o ser humano perdeu essa capacidade e a perspectiva cósmica, buscando a manipulação técnica. No entanto a própria técnica pode ser uma aliada da sabedoria na solução da crise ecológica. Outra atitude fundamental consiste em respeitar a integridade pessoal dos outros e acreditar na capacidade da vida de superar a entropia e a morte.

Merton foi interpelado por Rosemary no sentido de que a vida do monge consiste em fugir do mundo negando a bondade da criação. Ele usa o argumento “*ad hominem*” para mostrar que é exatamente o contrário. Afastado da cidade, o monge está mais perto da natureza, vivendo entre os bosques. Sua vida, longe de negar a bondade da criação, consiste em estar em contato direto com ela, experienciando tal bondade num estilo de vida simples, saudável e mais humano do que a vida na cidade⁴⁹⁷.

Merton vive ao ritmo do sol, da lua e das estações, ouvindo o canto dos pássaros, sentindo o perfume das flores, com o olhar e os ouvidos abertos ao mistério da criação que o envolve. Prova desse amor é ter plantado centenas de árvores junto com os seus noviços, numa atitude de preservação e conservação. E esse cuidado amoroso pelas criaturas naturais tornou-se num certo sentido, uma garantia de sua missão e ministério teológicos como homem de contemplação. Ele entende o sentido da ascese como uma prática visando harmonizar a relação com a criação, e a vocação monástica como uma volta ao paraíso escatológico, vivendo antecipadamente a nova criação, em que os leões serão domesticados.⁴⁹⁸

6.3.

Conclusão: conversão ao mundo.

Se a liturgia é a forma de receber o Evangelho, e com ele a dimensão contemplativa, a compaixão é a forma de espiritualidade que consiste em

⁴⁹⁵ MERTON, T. *Cistercian Studies* v. 2, 1967. 1, p. 89.

⁴⁹⁶ WF 71.

⁴⁹⁷ *MnI* 272-274.

⁴⁹⁸ *aHW* 35.

compartilhar com os outros os dons de Deus que recebemos pelo Espírito não só para nós, na dimensão ativa da vida humana. Assim, a compaixão pode ser chamada de fato de “liturgia depois da liturgia”. Foi em 18 de março de 1958 que começou tal processo de conversão na vida de Merton, levando-o de volta ao mundo, sem perder o claustro. Neste ano João XXIII é eleito Papa e começa o processo de abertura da Igreja ao mundo.

Foi um processo feito de dor, sofrimento e discernimento na vida do Eremita de Gethsemani. “Estou pensando na luta nova e necessária em minha vida interior. Finalmente estou saindo da crisálida. Os anos que ficaram para trás me parecem estranhamente inertes e negativos... Agora sinto a dor e luta de buscar meu próprio caminho através de algo novo e maior. Devo ver e abraçar Deus no mundo inteiro”.⁴⁹⁹ A conversão do mosteiro ao mundo tem seu auge na década de 1960, quando ele busca a grande síntese integradora entre mística e compaixão pelo mundo. Daí em diante a busca da solitude se radicaliza sempre mais até sua morte oito anos depois (1968).

Uma tal busca se expressa no interesse crescente pelas fontes da contemplação na Sagrada Escritura, na liturgia, no estudo dos Padres da Igreja e dos Pais (Abba) e Mães (Amma) do Deserto. E a compaixão pelo mundo se desdobra na abertura cada vez maior aos grandes desafios do mundo contemporâneo, tais como a canonização da violência (1960), a guerra e a paz (1961-1962); o cuidado responsável pela criação/ecologia, culminando no enlevo, celebração e louvor (1962-1963); e, finalmente, a justiça no mundo e a espiritualidade macroecumênica (1964-1968).⁵⁰⁰

Considerando retrospectivamente o percurso feito até aqui, aprofundando Merton, vimos nessa PARTE II os dois conceitos fundamentais do pensamento mertoniano, respectivamente **mística** e **compaixão**. A seguir, no Capítulo 6, vamos abordar o terceiro conceito fundamental: o **seguimento** de Jesus em Merton. Pois só poderemos entender o Eremita de Gethsemani, inserindo-o em sua vocação monástica, sacerdotal e eremítica, que ocupa o centro de sua vida e seus escritos.

Merton vive a espiritualidade do seguimento de Jesus na comunhão com Deus e com seus irmãos. Assim ele realiza sua vocação humana. A partir dela é

⁴⁹⁹ Sfs 200.

capaz de confrontar-se com os grandes problemas do mundo, na condição de contemplativo. Destarte, vamos abordar a seguir esse aspecto fundamental de sua vida, o seguimento de Jesus, em resposta à tríplice vocação recebida como dom de Deus.

A espiritualidade do seguimento de Jesus tem como meta principal “a total entrega às exigências do Evangelho, tornando o discípulo capaz de um amor paciente e compassivo... mantendo seu coração aberto ao amor, impedindo que endureça na rejeição e negação do amor... Ensinando o seguidor a não pecar contra o amor, e a crescer... até se tornar um santo”.⁵⁰¹

⁵⁰⁰ *TtW* 310; *DWL* 253-254; *SfS* 84-85; 146, 252-253.

⁵⁰¹ *MH* XIII.